



A Representação da Infância nos media Moçambicanos

*Boaventura Eugénio Monjane*¹

RESUMO:

Este trabalho analisa a maneira como os assuntos relativos a infância são apresentados nos meios de comunicação impressos do país. A análise foi feita aos diários *Notícias* e *Diário de Moçambique*, durante os meses de Dezembro de 2007, Janeiro e Fevereiro de 2008, sendo o *Diário de Moçambique* o órgão principal da análise e o *Notícias* servindo para consolidar o estudo e perceber as tendências da cobertura dos jornais sobre temas referentes à infância. A partir de vários trabalhos e estudos existentes sobre a representação da infância nos media, reflectiu-se na maneira como os jornais analisados abordam questões relacionadas com crianças nas suas edições. Partindo da ideia de que as crianças são actores sociais competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos de vida e reveladores das realidades sociais onde se inserem e que têm o direito de expressar as suas opiniões sobre os assuntos que lhes dizem respeito, incluímos na pesquisa um grupo de discussão com crianças da escola Primária Completa Dom Bosco de Infulene, com o objectivo de perceber como elas recebem e interpretam notícias relacionadas com elas próprias.

Palavras-chave: Infância, Media e Jornalismo.

The Children presentation in the printed media in Mozambique

ABSTARCT:

This study examines how issues relating to children are presented in the printed media in Mozambique. The analysis was done on the Mozambican daily newspapers, during the months of December 2007, January and February 2008, being the "Diário de Moçambique" the main body of analysis and "Notícias" serving to strengthen the study and help to understand the trends in coverage on issues concerning children. The study has reflected on the way the newspapers analyzed issues related to children, from several existing studies on the representation of childhood in the media. Starting from the idea that children are competent social actors in formulating interpretations of their worlds and reveal the social realities in which they operate and they have the right to express their views on matters that concern them, we included a focus group discussion with school children of Dom Bosco Primary School in Infulene, with the aim of realizing how they receive and interpret news related to themselves.

Keywords: Children, Media and Journalism.

¹ Licenciado em Jornalismo pela Universidade Eduardo Mondlane. Investigador na Escola de Comunicação e Arte da mesma universidade. Media and Communication Officer na ong Via Campesina, Movimento Internacional de Camponeses. E-mail: boa.monjane@gmail.com



Introdução

O presente artigo pretende analisar a abordagem que os media fazem da temática referente às crianças, assim como a defesa e promoção dos direitos de infância em Moçambique. Um estudo quantitativo e qualitativo foi efectuado, tomando como objecto dois diários Moçambicanos, a saber: O *Notícias* (JN) de Maputo e o *Diário de Moçambique* (DM) da Beira, nas suas publicações de Dezembro de 2007, Janeiro e Fevereiro de 2008. Foram tomados como referencial para elaborar as análises, diversos estudos sobre a construção da infância nos media, realizados nos campos do Jornalismo, das Ciências Sociais e da Educação. Os jornais *Notícias* e *Diário de Moçambique* foram escolhidos como veículos a serem analisados tanto por serem jornais que abrangem praticamente todo o país como pela capacidade que têm de oferecer, numa forma geral, a realidade moçambicana.

As categorias de análise que se usaram no estudo estão baseadas principalmente no trabalho de Ponte (2005) sobre a construção social da infância através do discurso jornalístico. A análise da autora, focada em 30 anos de jornais portugueses, foi a que trouxe a base teórica e metodológica mais sólida para a pesquisa.

A nível internacional, nas últimas duas décadas, as crianças e as problemáticas associadas à infância têm estado a aparecer na ordem do dia das agendas política, mediática e da investigação. Este interesse é demonstrado surgimento de novos estudos sociais da infância que confirmam esta tendência que tem vindo a fazer ganhar a visibilidade do *fenómeno social* da infância na dimensão internacional. Contudo, Graue e Walsh (2003), indicam que a partir da relatividade do conceito de infância no tempo, no espaço e nos diferentes contextos da vida, se torna necessário que os investigadores pensem nas crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida quotidiana.

De acordo com os dados do último estudo realizado pelo UNICEF em 2006, existem em Moçambique cerca de 10 milhões de crianças com menos de 18 anos. Estes dados indicam claramente que a infância constitui a maioria da população moçambicana e para além disso, é nessa categoria geracional que se encontra o maior índice de pobreza. Mostra-se claramente contraditório que se fale pouco de uma camada geracional que representa a maioria da população do país.

Nos últimos anos desenvolveram-se, em Moçambique, políticas e legislação de acordo com as prioridades globais chave para as crianças, tais como a ratificação da Convenção sobre os Direitos da Criança, em Abril de 1994, e a Lei contra a Violência Infantil,

em 2008. Isto mostra a relevância que questões referentes aos direitos da criança têm nas agendas do governo.

O artigo 12º da CDC preconiza que “Os Estados Partes assegurarão à criança que estiver capacitada a formular seus próprios juízos o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados com a criança, levando-se em consideração essas opiniões, (...)”. Sendo os media noticiosos espaços de visibilidade e de expressão de ideias e opiniões, é pertinente a atenção à sua cobertura, não só para a identificação das suas tendências e enquadramentos mas também para uma intervenção social alargada, para ver de que forma contribuem para que vozes habitualmente ignoradas expressem as suas perspectivas.

Segundo o UNICEF, a verdadeira medida do progresso de uma nação é a qualidade com que atende as suas crianças: saúde e protecção, sua segurança material, sua educação e socialização e o modo em que se sentem amadas, valorizadas e integradas nas famílias e sociedades em que nasceram (UNICEF, 2007). Nesta responsabilidade de atender às crianças, os meios de comunicação jogam, logicamente, um papel importantíssimo.

Questões de partida

Antes de partirmos para a pesquisa formulamos também algumas hipóteses e perguntas de partida. A primeira hipótese que elaboramos tem a ver com a ideia de que os meios de comunicação moçambicanos em geral, e os do nosso estudo em particular, dedicam um espaço reduzido às questões referentes à infância e aos seus direitos. De outro lado, a preocupação em ocupar as páginas dos jornais com matérias do domínio político, económico e desportivo, as quais, na percepção dos profissionais de comunicação social, parecem ser os assuntos que fazem “vender o jornal”², faz com que haja exiguidade de espaço para abordar assuntos que tenham a ver com a infância e seus direitos. A temática da infância e de seus direitos é abordada, com profundidade e exaustão, apenas em datas como o 1º de Junho, Dia Internacional da Criança e 16 de Junho, dia da Criança Africana. Contudo, o dia-a-dia da infância não tem merecido destaque nos media do país.

A segunda hipótese formulada aponta para o facto da criança ser tratada, apenas como objecto passivo e nunca sujeito activo das suas próprias acções nas notícias. Quando a

² Chegou-se a esta constatação em resultado das entrevistas que estabelecemos com jornalistas dos órgãos em análise. Em anexo apresentamos a transcrição das entrevistas.

criança é notícia, trata-se quase sempre de situações excepcionais e naquelas em que ela é vítima de abusos, violação, pobreza, deficiência, etc. O outro lado da criança que vive, que brinca, estuda e reage às situações com que se depara e que procura soluções para os seus próprios problemas, nunca aparece nos media.

Ainda no campo das perguntas de partida, importou questionar: que representações associadas às criança se podem encontrar nos media moçambicanos? Que produção mediática se faz em torno da infância em Moçambique?

Metodologia

A metodologia usada para esta investigação assentou basicamente na leitura e análise dos jornais em estudo num intervalo de tempo de três (3) meses, nas publicações de 2007/2008 [(Dezembro (2007), Janeiro e Fevereiro (2008)]. A escolha deste recorte temporal foi feita aleatoriamente. O jornal *DM* será o modelo principal da análise, preenchendo todos os requisitos do protocolo de análise de conteúdos proposto por Ponte (2005). O *Notícias* servirá apenas para analisar sua tendência na cobertura de assuntos sobre crianças, com o objectivo de consolidar a análise do DM. O acesso às edições estudadas foi possível através da consulta aos arquivos dos referidos meios de comunicação e outras bibliotecas. Nessa leitura fez-se um levantamento de artigos publicados que versem sobre a infância, bem como aqueles cujo impacto afecta aos direitos da infância, para uma posterior análise.

A análise dos artigos foi feita através do procedimento da análise de conteúdo, confrontando com as teorias sobre a representação da infância nos media. É importante referir que, apesar do tema dos direitos da criança ser vasto, neste estudo não se analisa um tipo de direitos específicos, como o da saúde ou educação, por exemplo. Olha-se para os direitos – da Convenção dos Direitos de Criança e da legislação moçambicana - de uma forma generalizada.

Ainda no campo metodológico, constituiu tarefa imprescindível a leitura e análise das políticas e linhas editoriais dos órgãos em referência. Dentro da perspectiva de não isolar as matérias das suas rotinas de produção e dos diferentes contextos sócio-culturais a que se referem, a análise do material também levou em conta entrevistas que realizamos a dois jornalistas “especializados” nos assuntos sobre crianças, um do jornal *Notícias* e outro do *Diário de Moçambique*, assim como ao director editorial do DM.

Com o objectivo de perceber como as crianças recebem as notícias sobre elas próprias, foram realizadas algumas discussões com crianças em torno de artigos publicados e daquilo que elas gostariam que fosse escrito sobre elas nos jornais. É relevante justificar o interesse em incluir crianças entre as fontes de informação para análise e elaboração do trabalho. Tal interesse baseia-se na percepção de que “as crianças não são consideradas como simples objectos de conhecimentos, mas como sujeitos de direitos e actores plenos, competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos de vida e reveladores das realidades sociais onde se inserem” (Sarmiento et al., 2004).

Destacando todas as inserções que relatavam situações envolvendo crianças, chegou-se a um total de 60 inserções nos três meses, no jornal DM, cerca de 0.7 artigos por dia, em média. A maior concentração de inserções foi no mês de Dezembro (2007), com 28 peças. Em Janeiro, foram 23 peças publicadas e em Fevereiro apenas 9.

Ficaram excluídas as propagandas. Também não foram incluídas as peças sobre produtos infantis, como programação televisiva ou lançamentos de produtos de uso para crianças. Não foram consideradas na análise geral as fotografias de crianças que eram parte de notícias sobre assuntos não relacionados especificamente com a infância, como catástrofes naturais. Mesmo assim, estas imagens ficaram registradas e também serão objecto de reflexão neste trabalho, sobretudo no capítulo conclusivo.

Infância em pauta no jornal *Diário de Moçambique*

O *Diário de Moçambique* é um jornal de informação geral, que cumpre quatro grandes objectivos: informar, opinar, recrear e educar³. Para a análise ao jornal DM, foram quantificados dados como: formato dos artigos, âmbito geográfico da notícia, as vozes citadas no texto, a localização no jornal e os modelos representativos mais recorrentes. A partir desta primeira quantificação e organização foram produzidos gráficos, que possibilitaram uma percepção mais clara da distribuição proporcional das fontes ouvidas, dos temas e dos tipos de texto relacionados a infância. Além desta quantificação baseada no Protocolo apresentado por Ponte (2005), a maior parte das matérias foi depois reorganizada em cinco conjuntos temáticos dos quais, quatro foram propostos por Dionísio (2006). Esse novo agrupamento não se contrapõe às 25 categorias expostas na introdução e nem

³ De acordo com o estatuto editorial do jornal DM.

pretende enquadrar todas as matérias. Trata-se apenas de uma forma de identificar alguns “eixos temáticos” das matérias sobre crianças, que ficaram definidos como:

- **Acções Sociais, Assistência e Caridade:** notícias sobre projectos e eventos de assistência social a crianças ;
- **Educação:** inclui todas as notícias relacionadas com a Educação formal e não formal;
- **Acidentes e Situações de Risco:** matérias sobre situações em que o bem-estar de uma ou mais crianças está ameaçado, mas não propositadamente;
- **Violência:** peças em que a ameaça ao bem-estar das crianças é propositada;
- **Criança desportista:** matéria sobre crianças no desporto

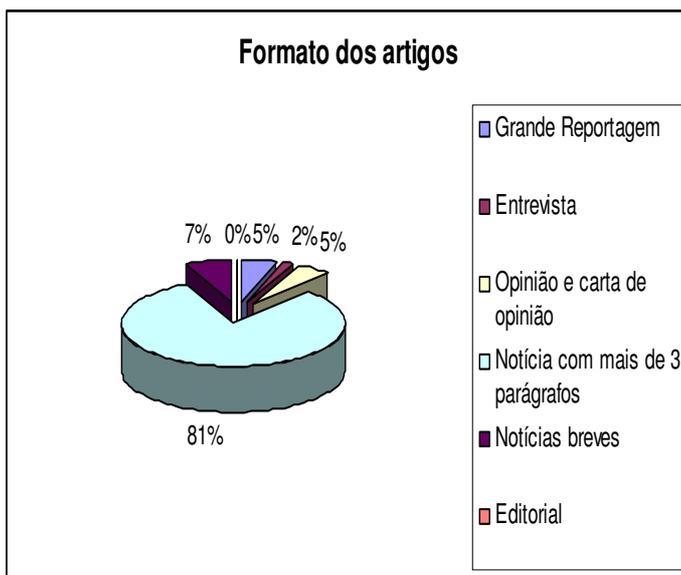
Descrição da análise quantitativa

Formato dos artigos

Durante os três meses analisados, assuntos sobre crianças apareceram em 60 inserções, num conjunto de 2.145 inserções de assuntos voltados para Moçambique no DM. Isto é, apenas 2,8% dos artigos publicados falavam de crianças.

Dos 60 artigos relacionados com a infância, três eram reportagens com mais de uma página de tamanho tabloide, 49 notícias com mais de três parágrafos, três eram artigos de opinião. As notas e textos com até três parágrafos – artigos curtos sem aprofundamento – somaram quatro inserções e uma entrevista. Do total dos artigos, apenas 11 vinham ilustrados com fotografia. É relevante frisar a ausência de editoriais dedicados a temáticas relacionadas com a infância durante os três meses no DM.

Gráfico1: Formato dos artigos



Além desta quantificação sobre o formato das matérias em geral, foram também analisados os tipos de texto de acordo com os quatro grupos temáticos – *Acidentes e situações de risco; Assistência, Caridade e Ações Sociais; Educação; Violência; Criança desportista*. Em todos, a maior parte dos artigos é constituída por notícias.

Situações de Risco e Acidentes são os temas que apresentam maior número de notícias, cerca de 33%. Segue-se a *Assistência, Caridade e Ações Sociais*, com 25% e a *Violência* ocupa o terceiro lugar com 12 artigos publicados nos três meses, representando 20%. A *Educação* aparece em quarto lugar com uma fatia de 17%. *Criança Desportista* é o eixo temático menos abordado no DM. Foram encontrados apenas 3 artigos, representando apenas 5% do total.

Gráfico2: Eixos temáticos

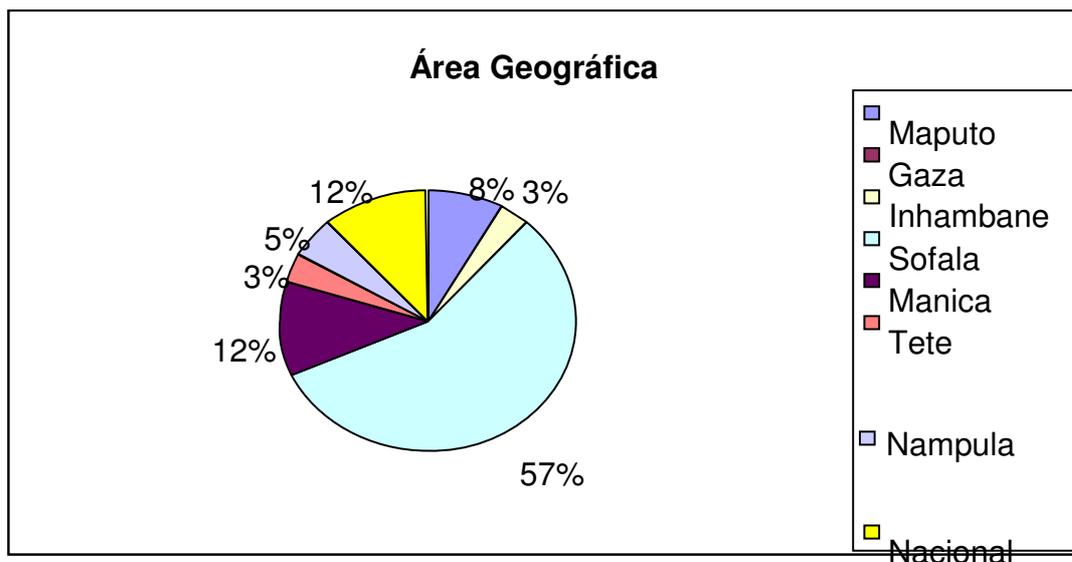


Área geográfica

Como dissemos acima, excluímos os artigos das secções “África” e “resto do mundo” e analisamos apenas os artigos voltados para Moçambique. Talvez por ser um jornal cuja sede e redacção central está na cidade da Beira, província de Sofala, o Diário de Moçambique tem a maioria das peças sobre crianças (57%) ambientadas na província de Sofala, principalmente na cidade da Beira. Os textos de âmbito nacional correspondem a 12% do total das peças. As províncias de Manica e Nampula mereceram uma percentagem de 12% e 5% respectivamente. Para além das províncias de Maputo, Inhambane e Tete que tiveram, respectivamente 8%, 3% e outros 3% de cobertura sobre crianças nos três meses no Diário de Moçambique, outras zonas não foram referidas no jornal.

Uma das razões que determinou a escolha do *DM*, assim como o *JN*, como órgãos a ser analisados, foi a crença de que estes jornais poderiam ser de abrangência nacional e com capacidade de representar, duma forma geral, a realidade de todo o país. Contudo, os dados sobre a distribuição das matérias em áreas geográficas não confirmam tal hipótese.

Gráfico3: Área Geográfica



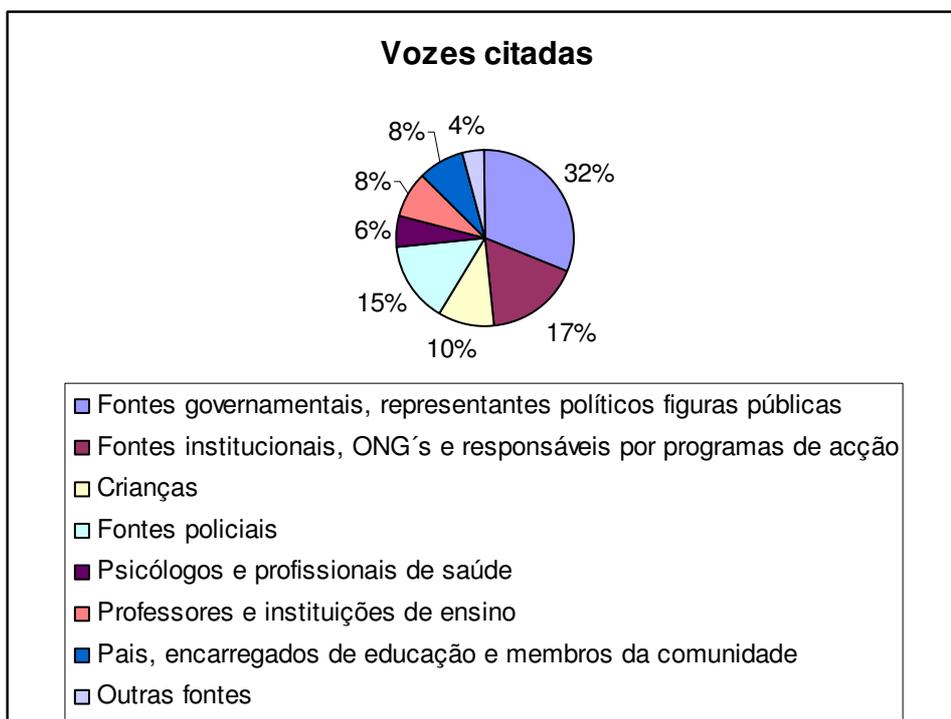
Vozes citadas no texto

Para quantificar as fontes ouvidas para compor os textos, foram registradas tanto as citações directas como as indirectas. As *fontes governamentais* – Presidente da República, Governadores provinciais e distritais e esposas – são as que mais aparecem na quantificação, com 15 citações. Em seguida estão as *fontes institucionais* – *ONG's, academias, instituições religiosas, empresas, ministérios, etc.* -citadas 8 vezes. As *fontes policiais* (incluindo por vezes boletins de ocorrência) constituem o terceiro grupo que mais fala com sete citações.

As crianças foram citadas apenas cinco vezes, ou 10% do total, posicionando-se no quarto grupo citado depois das outras fontes. Esta constatação não nos foi surpreendente. Aliás, no campo das hipóteses fazemos referência ao facto das crianças serem pouco ouvidas como fontes de informação. A presença de meninos, três vezes, é superior que a de meninas, duas vezes, como fontes de informação. Os pais e encarregados de educação, assim como os professores, foram citados apenas quatro vezes cada (8% para cada um) e finalmente os profissionais como psicólogos, pessoal médico e cientistas sociais constituem o grupo que aparece menos vezes nos textos: todos juntos são responsáveis por apenas 6% das citações.

A conclusão de que as crianças constituem uma das vozes menos citadas como fontes de informação nos jornais foi por nós apresentada num seminário aberto a activistas dos direitos da criança, organizações e jornalistas, que teve lugar em Julho de 2008 na cidade da Beira. A notícia do referido seminário e os resultados preliminares desta investigação foram a seguir publicados numa edição do DM (DM, 14/07/2008, página 3).

Gráfico 4: Vozes citadas



Localização no jornal

É na secção *Sociedade e Política* que está a maior parte das matérias sobre crianças seleccionadas durante os três meses. As outras secções que tem agrupado inserções sobre crianças são *Desporto* (3), *Bastidores* (1) e *Magazine*, (1) nos três meses. Vale destacar que foram publicadas 10 matérias sobre crianças na contracapa do jornal.

Durante os três meses analisados, quatro matérias envolvendo crianças tiveram chamada de capa: *Ano lectivo escolar abre hoje no país: Regresso às aulas*; *Camião com 40 crianças apreendido em Inchope*; *Rapto Consentido pelos pais é hipótese mais provável*; *Transportadas como mercadoria, com fome e sede*, as três primeiras em Janeiro e a última no mês de Fevereiro.

Modelos representativos

Dos quatro grupos temáticos, o que reuniu maior número de peças foi *Situação de risco e Acidentes*: 20 inserções. Mesmo que esses eixos temáticos não englobem todos os textos analisados, é possível perceber que a maioria das matérias que envolvem crianças

publicadas no *Diário de Moçambique* estão relacionadas com a temática dos acidentes e situações em que a criança está em risco.

Outro modelo que agrupa parte considerável das peças é o da “*criança assistida*”, com 17 textos do total. A existência de um elevado número de crianças órfãs e pobres, precisando de assistência em Moçambique talvez contribua para a maior presença deste tema no *corpus* Sociedade e Política do jornal DM. Refira-se que o mês de Dezembro (2007) é o que mais engoliu o maior número de artigos sobre assistência à criança. Tal facto talvez se justifique por Dezembro ser o mês em que instituições e pessoas individuais têm levado a cabo obras de “caridade”, movidas pelas comemorações do Natal.

Esta mesma tendência encontra-se também nas investigações que envolvem crianças realizadas em Moçambique. De facto, segundo Colonna (2008), a maioria das pesquisas sobre a infância no país continua fortemente focalizada em crianças desfavorecidas ou que se encontram em situações excepcionalmente difíceis.

Crianças como sujeitos ou como objectos?

Outra forma de agrupar as matérias foi separá-las de acordo com os papéis atribuídos a crianças e adultos no texto. Peças em que crianças eram os principais agentes da situação reportada e em que sua opinião era levada em conta para construir o relato, foram colocadas sob o rótulo de “Crianças como sujeitos”. Em outro grupo, “Crianças como objectos, adultos como sujeitos”, estavam as peças em que às crianças era delegado um papel de passividade e em que os adultos eram os principais agentes.

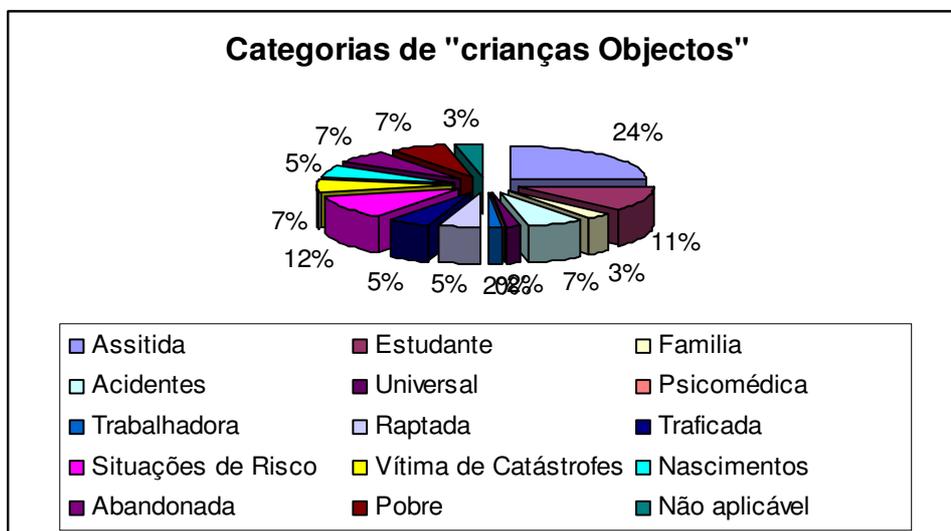
Com a quantificação constatou-se que as crianças aparecem como agentes activos e protagonistas da acção em 9 artigos (15% do total) e que em 51 inserções (85% do total) são adultos os principais sujeitos actuantes. Isto mostra, de forma inequívoca, a tendência dos media na atribuição de espaço a matérias em que as crianças não actuam realmente.

Nos dois conjuntos de peças acima referidos também foi quantificada a presença de modelos temáticos de infância, e os dados resultantes desta nova contagem ajudaram a identificar quais são as representações associadas às crianças quando elas aparecem como sujeitos activos e participantes nas notícias ou como objectos passivos.

O conjunto “Crianças como objectos, adultos como sujeitos” tem uma distribuição de modelos temáticos diferente. A *criança em situações de risco e a violência* é significativa,

estando presente em 16% das notícias. O modelo mais comum neste grupo, entretanto, é o da *criança assistida*, que engloba 21% das peças.

Gráfico 5: Categorias de crianças



No grupo “*Crianças como sujeitos*” o modelo temático mais recorrente é o da *criança assistida*, presente em 4 inserções. Em seguida, temos a *criança estudante*, predominante em 3 matérias. A *criança desportista* aparece como sujeito em 2 inserções.

A categoria “*criança cidadã*” - *participação social e na expressão da palavra pelas crianças* – de criança sujeito, foi preenchida por apenas duas peças em três meses. Apresentamos aqui um destes artigos, com título “*Crianças seropositivas expõem na Beira*”.

Sete crianças seropositivas, com idades compreendidas entre oito e 12 anos, expõem a partir de hoje, na Casa Provincial da cultura de Sofala, na Beira, um trabalho que ilustra a problemática da pandemia do século. A exposição, que comporta mais de 20 quadros, consta de uma iniciativa do Hospital Central da Beira (HCB), com o apoio da Fundação Clinton, e visa promover a inserção social das crianças. César Macome, director do HCB, disse ontem que a iniciativa tem ainda como objectivo criar um espaço para que as crianças envolvidas possam transmitir à sociedade os seus pensamentos sobre vários assuntos, que incluem a problemática da chamada doença do século.

Esta peça mostra que crianças são também sujeitos activos de suas próprias acções e não apenas objectos sobre as quais as acções dos adultos recaem. Contudo, a voz citada no

texto é do director do HCB como se ele fosse a notícia. No lugar da sua voz, corroboraria melhor a opinião das crianças expositoras, afinal elas sim são as protagonistas da notícia.

Crianças em imagens

As imagens das crianças nos jornais têm constituído objecto de discussões e reflexões em diferentes quadrantes académicos e não só. Embora nossa análise não incide para o campo das imagens, tentamos traçar um panorama mais geral sobre as representações da infância no *DM*. Durante o período analisado foram publicadas 16 fotos em que crianças apareciam, acompanhando as matérias. Na maioria destas imagens as crianças aparecem em ambientes como recinto escolar, sala de aulas, na rua, campo de futebol, instituições de caridade, sempre em primeiro plano e quase sempre em grupo.

Na contra capa do *DM*, existe uma “secção” denominada “Objectiva do repórter”, um espaço preenchido com fotografias. Embora não se tivesse feito uma contagem rigorosa do tipo das fotos publicadas nesse espaço, foi possível perceber que a maior parte das fotos retrata crianças, quase sempre na categoria de “criança abandonada e maltratada”, “criança pobre”, “criança delinvente”. Foi curioso constatar que quase todas as fotos deste tipo foram assinadas por Celeste Mac-Atur, fotojornalista do *DM*.

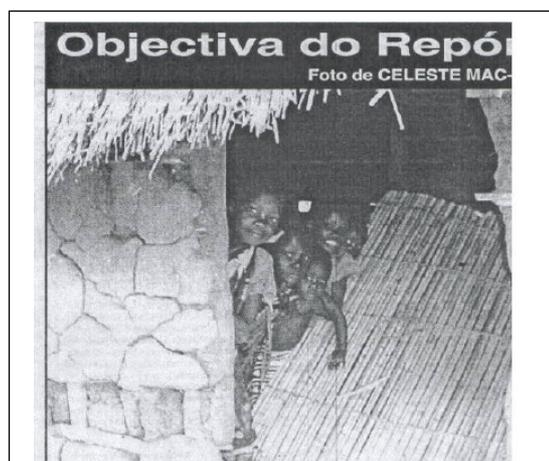


Figura 2: Um exemplo de foto publicada em “Objectiva do Repórter” do *DM*, 11/01/2008

Quando a criança aparece na primeira página

Das 60 peças seleccionadas, quatro têm chamada de capa. A maior parte, três peças, relata situações negativas envolvendo crianças: em todas fala-se do caso de rapto de 40

crianças transportadas num camião, supostamente para tráfico. A outra destaca o início de ano lectivo, mas referindo o problema da falta de vagas na 8ª e 11ª classes⁴.

Quadro 1: Crianças como sujeito e como objecto na capa

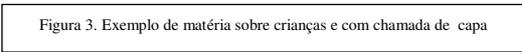
Crianças como Sujeitos	Crianças como Objecto
-	Regresso às aulas – 28/01/2008 Camião com 40 crianças apreendido em Inchope – 30/01/2008 Rapto consentido pelos pais é hipótese mais provável – 31/01/2008 Transportadas como mercadoria, com fome e sede – 11/02/2008

A partir deste novo reagrupamento, é possível ver que nenhuma chamada de capa, em três meses, destaca a actuação de uma criança como sujeito activo no jornal DM. Outro aspecto igualmente de fácil percepção tem a ver com o facto de em nenhuma das chamadas de capa se tratar de uma situação efectivamente positiva. Mesmo na chamada referente ao “regresso às aulas”, que a priori parece uma situação boa, chama-se atenção ao problema da falta de vagas, o que obrigará a muitos alunos a “ficar de fora”, sem lugar para estudar. A foto que ilustra esta chamada de capa apresenta meninos e meninas recebendo aulas ao relento, sentados no chão. Esta imagem mostra o cunho negativista de que estamos a falar.



⁴ Ano lectivo escolar abre falta de vagas na 8ª e 11ª classe (

Maputo persiste o problema da


 Figura 3. Exemplo de matéria sobre crianças e com chamada de capa

A relação do título com o corpo da notícia

Um aspecto digno de análise quando se escreve sobre crianças é a relação entre o título e o resto do texto. A peça “Inundações matam duas crianças”, de 01 de Janeiro de 2008, DM, foi o exemplo escolhido para uma análise deste tipo.

O título desta peça destaca a morte de duas crianças no rio Púnguè, devido às cheias, na província de Sofala. Lendo toda notícia verifica-se que, durante os 11 parágrafos que dão corpo ao artigo, faz-se referência da morte das crianças apenas no primeiro parágrafo. O restante do artigo, 10 parágrafos, fala do que disse o governador de Sofala, Alberto Vaquina sobre as cheias. Sobre a morte das crianças, assunto que intitulou a peça, não se voltou a falar. Em cerca de 500 palavras que compõem o artigo, a palavra criança aparece apenas 2 vezes em todo o texto. Este contraste entre o título e o conteúdo do artigo apresenta-se várias vezes no DM.

Crianças em situações de risco e acidentes

Como referimos, a categoria de *crianças em situações de risco e acidentes* ocupou a maioria do espaço que o *DM* dedicou a infância durante os três meses em análise. A partir da leitura dos textos sobre acidentes e situações de risco, que relatam situações distintas envolvendo crianças, é possível perceber uma associação da infância à falta de certas capacidades, como a *percepção* de uma situação de perigo. De certa forma é acentuado o lado instintivo, mais do que racional, da actuação desses meninos e meninas, que devem, segundo os textos, permanecer sob vigilância dos adultos na maior parte das vezes.

Na nossa análise confirma-se que na maioria dos artigos não é sublinhada a insegurança do local da ocorrência do acidente, como afirma Ponte (2005). Por exemplo, no artigo “Beira: criança atropelada gravemente”, nada se diz acerca da perigosidade da estrada onde a criança foi atropelada. As informações publicadas talvez não sejam muito diferentes das que constam no Boletim de Ocorrência do caso, mostrando mais um caso em

que o relato noticioso se prende somente ao discurso oficial – principalmente policial– como frequentemente acontece. Em vários textos sobre acidente, a óptica policial ganha status de voz principal nas matérias – uma voz que não é questionada.

Talvez por se tratar de um texto de “opinião”, o artigo que segue não apresenta os sinais listados por Ponte. Publicado, no *corpus Bastidores*, em 9 de Fevereiro, este exemplo mostra o cuidado que seu autor teve na sua redação:

TÍTULO: Perigo à vista

Na Rua do Capitão Gamito, cidade da Beira, está bem visível o perigo iminente para as crianças e qualquer pessoa que por ali passe, tudo porque duas caixas de fossas cépticas estão sem as respectivas tampas. (...) Para o “Bastidores”, está-se perante mais um daqueles casos que não se resolvem enquanto não houver danos, isto é, alguma criança ou adulto cair num dos buracos das caixas. Porque não seguirem o velho adágio, segundo o qual ‘é de pequena que se mata a cobra?’”

Como procede o *Notícias*

Nesta pesquisa, temos o *Notícias* apenas como um exemplo para consolidar as categorias de análise utilizados para o DM. Segundo o seu estatuto, o *Notícias* é um jornal privado diário de carácter nacional cuja actividade se baseia no rigor e criatividade editorial, com orientação, independente de qualquer vinculação ideológica, política, económica ou religiosa.⁵

Foram seleccionados 60 artigos publicados entre Dezembro e Fevereiro (2007-2008) no *JN*. Este órgão tem, de uma forma geral, mais inserções do que o *DM* por um lado por ser composto por um elevado número de páginas e por outro por ter um tamanho maior que de um tablóide normal. Contudo, interessou-nos a nós analisar apenas 60 artigos relacionados com crianças e infância, mais ou menos 85% do total.

A maioria dos artigos do *JN*, cerca de 25, falavam de educação, diferentemente do caso do *DM*. A assistência estava em segundo lugar com mais ou menos 13 artigos. A violência postou-se em terceiro lugar com cerca de 6 artigos publicados. As fontes de informação mais ouvidas e citadas durante os três meses no *JN* foram as institucionais e

⁵ Disponível em www.jornalnoticias.co.mz

seguiram-se as fontes governamentais. As crianças foram citadas como fontes de informação apenas duas vezes. As fontes policiais foram citadas cinco vezes, quase todas em situações de acidentes e rapto.

Em todos os artigos seleccionados, apenas três eram cartas de leitores. O restante eram notícias, a maioria das quais com mais de quatro parágrafos. Não foi publicado nenhum editorial relacionado com crianças durante os três meses. Dos 60 artigos escolhidos, apenas 17 vinham com fotografias, das quais sete crianças estão em plano principal.

As notícias de âmbito *nacional* foram a maioria durante o período observado, seguindo-se a província e cidade de Maputo e Sofala. As províncias de *Gaza*, *Manica* e *Tete* foram referidas como área geográficas apenas uma vez cada e as restantes não. Foram localizados quatro artigos do âmbito *global* e apenas um sem especificação.

Durante os três meses apenas três vezes as crianças tiveram chamada de capa com os títulos: “*Taxas de mortalidade preocupantes no país*” (21/02), “*Algumas escolas já não têm vagas*” (09/01) e “*Um milhão de crianças ingressa na escola*” (28/01). As crianças foram pautadas como sujeitos actuates em apenas duas peças, correspondendo a apenas 3,3% de vezes.

Em seguida apresentamos em gráficos o diagnóstico da cobertura jornalística sobre crianças no JN, duante Dezembro (2007) e Janeiro e Fevereiro (2008).

Gráfico 6: Área Geográfica

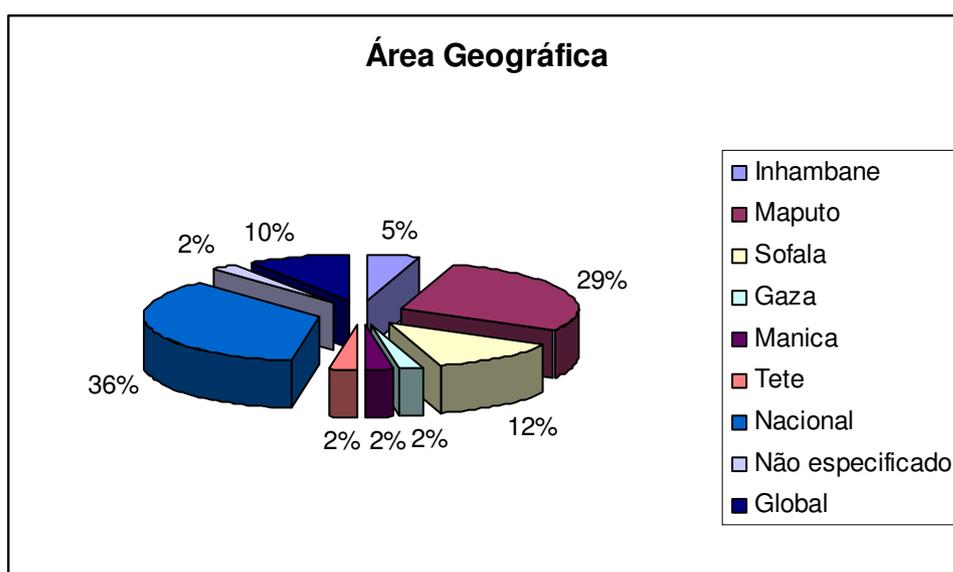
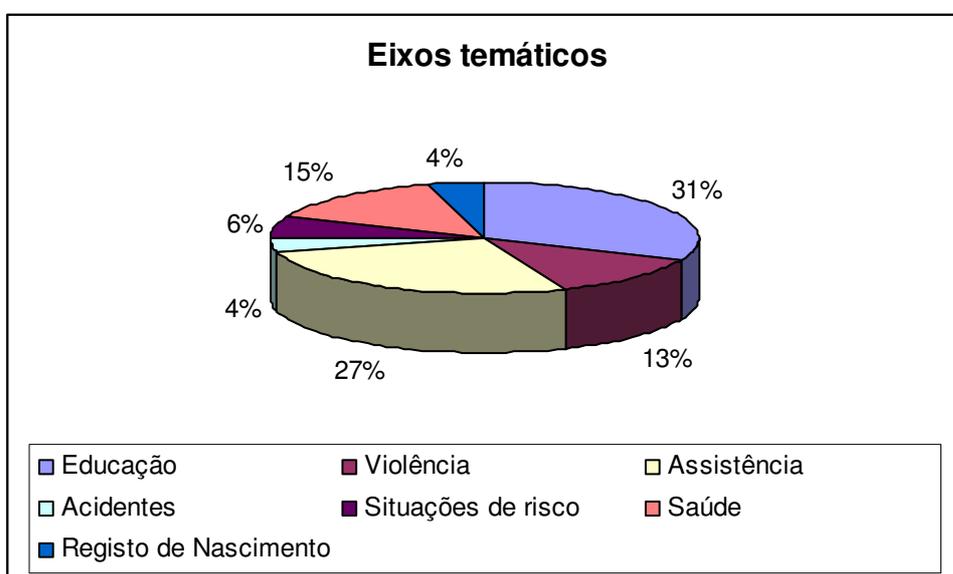


Gráfico 7: Vozes citadas



Gráfico 8: Eixos temáticos



Os gráficos apresentados ilustram como procede o *JN* no que concerne a cobertura sobre infância. Embora o caso deste jornal não seja rigorosamente igual ao do *DM*, é possível perceber que ambos órgãos têm a mesma tendência quanto a sua cobertura de assuntos relacionados com crianças.

Quanto às vozes ouvidas e citadas nas matérias, pode-se notar que ambos jornais não têm a criança como fonte de informação prioritária quando escrevem sobre ela, isto é, tanto no *Notícias* como no *Diário de Moçambique*, a voz da criança é citada poucas vezes. As vozes governamentais e de distintas instituições são as que aparecem em maior escala em ambos jornais. Nos casos de acidentes, ambos matutinos mostram ter as fontes policiais como prioridade e, tal como afirma Ponte (2005), estes jornais não apontam a questão da

(in)segurança do local do acidente nos textos. Na maioria das notícias sobre crianças publicadas no *Notícias*, elas aparecem como vítimas de alguma insuficiência, enfermidade ou catástrofe.

Crianças em discussão

Opções e procedimentos

A reflexão sobre como vem representada a infância nos jornais *Notícias* e *Diário de Moçambique* envolveu, para além da análise das matérias e das entrevistas com jornalistas, um grupo de discussão acerca destas notícias com crianças, estudantes da Escola Primária Completa Dom Bosco, de Infulene. A discussão teve lugar no dia 3 de Outubro, no salão da escola. Para além do pesquisador e das crianças, estava presente a supervisora deste trabalho que teve o papel de assistente de pesquisa. Depois de ter pedido a autorização às crianças, a conversa foi gravada e posteriormente transcrita. As crianças autorizaram o uso de seus nomes originais no trabalho.

Essa opção metodológica de ter um grupo de discussão justifica-se por vários motivos. Além da necessidade de se pensar o contexto de produção e recepção dos materiais em análise, essas conversas constituem um aporte alternativo para a leitura destas matérias, pois as discussões sobre as notícias levaram em conta os parâmetros, as vivências e as experiências pessoais das crianças. Outra razão tem a ver com a percepção de que as falas e as experiências das crianças são bastante ricas e enriquecedoras e auxiliam-nos a ver questões que antes estavam obscuras, uma vez que elas nos trazem novos enfoques para assuntos que já não considerávamos tão importantes para a pesquisa.

A escola foi escolhida pela facilidade de entrada, graças a um conhecimento prévio da instituição. É relevante referir que as crianças participantes do grupo de discussão foram seleccionados por um de seus professores, baseando-se na sua “esperteza”, isto é, nas suas capacidades de discutir sobre questões relacionadas com a leitura de jornais.

As falas nos grupos de discussão são entendidas neste trabalho como produções discursivas dos participantes, permeadas de outros discursos correntes na sociedade e influenciadas por suas vivências socioculturais. Uma das obras que contribuiu significativamente para a escolha da nossa abordagem é o livro de Joseph Tobin (2000), cujo

pressuposto é que as crianças formam suas crenças e ideias sobre os meios através das conversas que mantêm com os amigos e com os adultos.

Tobin denomina “*Mapeamento Bakhtiniano de Texto*” o método de interpretação das falas das crianças, em que procura identificar citações, alusões e associações intertextuais nas transcrições das entrevistas. Assim, mais do que expressar fielmente o pensamento dos meninos e meninas entrevistados, as falas reproduzem “cacos” de outros discursos correntes nos contextos em que eles vivem. Além da fundamentação teórica, a obra de Tobin foi importante para este trabalho por discutir diversas questões com que cientistas sociais lidam, que envolvem conflitos, dúvidas e hesitações. Em vários momentos, ao ler os relatos do autor, era possível ver situações parecidas.

3.2 Apresentação do grupo

O grupo de discussão formado era composto por seis três meninos e três meninas, dos 11 aos 12 anos de idade. Todas as crianças são estudantes da 7ª classe do ensino geral na escola selecionada. A preferência pela escolha do mesmo número de meninos e meninas justifica-se pela necessidade de garantir que ambos gêneros exponham suas opiniões na pesquisa. As crianças do grupo de discussão são todas de um nível social que se pode considerar de médio-alto. Respondendo a pergunta “onde trabalham vossos pais”, os meninos e meninas do grupo responderam: engenheiro hidráulico, assistente da Administração e Finanças, professor da escola secundária, enfermeira e estudante de Medicina, estudante de advogado no estrangeiro, dono de duas ferragens, negociante. Todas as crianças fazem parte de famílias que consideramos “não pobres”, para a realidade moçambicana.

Práticas culturais e consumo dos meios

O objectivo do grupo de discussão era perceber como as crianças recebem e compreendem matérias jornalísticas sobre elas. A nossa primeira preocupação foi saber que experiências têm aqueles meninos com os meios. Respondendo a pergunta “*Vocês têm Televisão e Rádio em Casa?*”, todas afirmaram, que: “*Sim, temos as duas coisas*”. Talvez por pertencer a famílias de um status social relativamente elevado, todas as crianças tinham acesso aos meios em casa.

Para além da TV e rádio, todos os meninos responderam que tinham em média acesso a pelos menos uma publicação, que lhes chegavam através de seus pais e familiares. As crianças dizem que costumam ler de vez em quando, algumas aos fins de semana.

Leitura e compreensão de artigo

Depois de termos sabido da experiência e do contacto que aquelas crianças têm com os media, nosso seguinte passo foi convidá-las a ler um artigo noticioso, publicado no *Diário de Moçambique*. Trata-se da notícia “*Bandidos violam uma criança e semeiam terror*”, do dia 6/01/2008. O artigo dava conta de que um grupo de indivíduos assaltou uma zona no distrito de Dondo, Sofala e que nessa operação uma criança foi violada sexualmente.

O exercício consistia em ler o lead e mais dois parágrafos do texto e em seguida partilhar as percepções. Nosso objectivo era perceber como as crianças percebem as notícias escritas sobre elas próprias. Nossa primeira “crença” era de que as crianças não eram capazes de compreender a essência da mensagem transmitida em artigos de jornais. Esta hipótese não foi confirmada. Durante o intercâmbio, as crianças do grupo mostraram que tinham percebido o que estava escrito. Talvez por manterem um contacto permanente e regular com os jornais que seus pais compram ficou-lhes mais fácil entender e explicar o conteúdo do texto.

ABRAÃO: Eu entendi que há certos bandidos foram violar uma miúda, uma criança. Entendi também que estavam armados de seus instrumentos. (...) Está tudo claro.

Foi nosso interesse perceber o que as crianças do grupo achavam da notícia lida. Com essa pergunta pretendíamos saber se haveria algo que gostariam de ver no texto e que não constava.

RAPOSÃO: Eu gostaria de ver os nomes dos assaltantes e o nome da criança que foi agredida. (...) Saber quem é que fez isso e vir a imagem ali de quem foi violada.

SANDRA: Também deviam mostrar os objectos que utilizaram. Também os nomes. As tantas conhecemos essa pessoa nem?

Questionadas sobre a importância da publicação da foto da criança violada e como se sentiriam se fosse a foto delas, a opinião das crianças mudou:

SANDRA: (Ao publicar a foto), a criança ia ficar triste.

MOISÉS: Porque tem pessoas que discriminam.

SANDRA: Sim, talvez pusessem isso assim, tapassem a imagem.

ABRAÃO: Eu acho que está bom assim, porque se pusessem a foto da criança ela ainda estaria triste...

Pesquisador: *Então Abraão tu concorda que não apareça o nome e a imagem da criança?*

ABRAÃO: A foto não é lá muito, mas a imagem, roupas rasgadas, marcas no corpo, acho que não, não tem que vir. E mesmo a família não pode gostar basta nós sabermos que uma criança foi violada na zona X, com uma pessoa X, acho que estaríamos informados assim mesmo

RAPOSÃO: As fotos dos bandidos tinham que aparecer. Se os bandidos ficam tristes é com eles.

SANDRA: Eu acho que devia aparecer sim nem. Para ficarmos a prevenir. Quando vemos aquela pessoa não deixar entrar em casa de qualquer maneira. E quando vemos aquela pessoa vamos dizer afinal é aquele que violentou aquela criança. Não podemos falar com ele, é um criminalista.

MOISÉS: Porque ele pode voltar a cometer o mesmo crime.

De acordo com o excerto, as crianças consideram o jornal e as informações veiculadas como sendo um aporte que lhes oferece “informação” capaz de mudar seus comportamentos no sentido de se prevenir e proteger de certas situações. Podemos assim dizer que as crianças consideram que estando informadas, estão mais seguras.

A discussão com as crianças mostra também que as opiniões individuais não foram fixas. As crianças podem mudar de ideia e podem persuadir outras a mudar sua posição. Esta ideia é defendida por O’Brien, Alldred e Jones (1996), pesquisadores que levaram a cabo um estudo sobre as relações familiares de crianças. Estes investigadores concluíram que as opiniões expressas não são apenas resultado da percepção individual das crianças mas são também produtos construídos socialmente no contexto particular da pesquisa.

Sandra, inicialmente defendia a publicação da foto da criança, mas depois de ouvir a opinião dos demais companheiros a sua posição Sandra mudou. Ela acrescenta também que os jornalistas deveriam ter um certo “cuidado ético” com a criança violada: “Eu acho que não deveriam entrevistar uma criança no estado de choque, quando acaba de passar por uma situação difícil e logo o jornalista chega entrevista, ela não se sente bem. Mas depois de um bom tempo sim”.

Para todas as crianças o texto lido estava “claro e simples”. Mesmo assim, quase todas propõem a mudança do título:

MOISÉS: Indivíduos cometem pedofilia.

AILA: Indivíduos violam uma criança sexualmente.

MARCIA: A criança desamparada.

SANDRA: Uma quadrilha assalta uma zona e viola uma criança.

ABRAÃO: Violação da criança.

Analisando os títulos propostos, é fácil perceber a simplicidade com que se apresentam. Com “indivíduos cometem pedofilia”, Moisés talvez quisesse enfatizar o facto de terem sido indivíduos adultos a violar uma menor. Mesmo assim, é possível notar que todas as crianças propõem títulos claros e directos.

A ideia de que as crianças aparecem pouco nos jornais como matéria mediática é comungada também por elas e também reconhecem que sua voz não é citada nos jornais. Convidadas a dizer algo já no final da conversa, Márcia afirmou: “*É uma iniciativa boa nós estarmos a participar aqui nós estamos a gostar*”. As palavras desta estudante levaram-nos a prolongar as perguntas:

Pesquisador: *Vocês então gostam de expressar vossos pontos de vista?*

TODOS: SIM!

Pesquisador: *Acham que muita gente não vos deixa dizer o que pensam...*

SANDRA: Sim. A maioria de vezes até somos ameaçados que se vocês dizer isso vai se ver comigo

Pesquisador: *Então vocês concordam que os jornalistas devem perguntar-vos coisas quando acontece algo relacionado convosco?*

TODOS: DEVEM!

ABRAÃO: Até que perguntam. Perguntam. Ontem acompanhei que umas crianças foram mandadas embora pelo banco numa casa, porque elas viviam numa casa que já haviam comprado. E os jornalistas perguntaram as crianças. Dão valor as crianças. Gostei daquele jornalista.

As palavras de Abraão mostram que ele reconhece o esforço de alguns jornalistas em entrevistar crianças. Mesmo assim, os meninos do grupo quiseram deixar recomendações para os jornalistas. As crianças respondem que deveriam escrever mais acerca das crianças e dos seus direitos, alegando que estes assuntos são mais tratados na televisão.

SANDRA: Como a Márcia falou, (deveriam escrever mais sobre) direitos da criança. Quando pegamos um jornal não ouvimos falar da criança. Acho que devem também falar da criança porque o jornal não é só para adultos nem? A falarem

da política, sociedade, ... Nós também crianças queremos ouvir assuntos sobre nós.

Pesquisador: *E tu não costumavas ver esses assuntos?*

SANDRA: Nem sempre. Mesmo quando falam das crianças falam pouco.

MOISÉS: Eu gostaria de ver os direitos e os deveres da criança ali no jornal.

As crianças depois indicam os direitos que consideram mais importantes a serem discutidos nos jornais e explicam o porquê: é para os adultos saberem e não violarem estes direitos.

RAPOSÃO: A Educação.

SANDRA: A Educação, assistência médica, amor, carinho.

MOISÉS: O vestuário.

MARCIA: Segurança, direito de brincar.

AILA: As crianças deviam ter um tempo para brincar. Há pais que não deixam as crianças brincar, até acorrentam crianças...

SANDRA: Os outros até tiram as crianças da escola para irem a machamba. Trabalhar.

SANDRA: Deviam publicar para os pais saberem. Há pais que estão a violar os direitos da criança. No jornal talvez podiam informar para eles sobre esse caso. (...) Há os que não conhecem e outros estão a violar. Muitos pais acham que essa coisa de direitos de criança não serve para nada, criança deve trabalhar porque há falta de comida em casa.

MOISÉS: A criança pode ajudar isso pode, mas tem que haver tempo para ele estudar.

AILA: Há pais que não têm condições de meter uma na escola. Mas agora já podem meter as crianças, mas eles não deixam. Principalmente as meninas no campo. Não deixam as meninas estudarem. Dizem que os meninos é que devem estudar.

A discussão foi muito rica em ideias para reflectir sobre diferentes aspectos da vida das crianças em Moçambique, sobre os seus direitos e sobre os seus pontos de vista. A inclusão deste grupo de discussão ajudou a perceber o que entendem as crianças sobre sua representação nos media e sobretudo acerca da forma como elas pensam que os media as deveriam representar. Contudo, é relevante referir que a análise que fazemos às palavras ditas pelas crianças do grupo não é nenhum produto acabado e tem um valor principalmente exploratório. Espera-se que estudos mais aprofundados possam dar visibilidade e espaço a “voz das crianças” para que o artigo 12 da CDC, que preconiza o

direito das crianças de expressar opiniões e serem levadas em consideração, passe a ser uma prática efectiva.

Conclusões

Quando decidimos elaborar este trabalho nosso objectivo não foi pretender dizer tudo sobre a cobertura da infância nos jornais *Diário de Moçambique* e *Notícias*. O que pretendíamos era produzir – e estimular – uma reflexão crítica sobre esse tema. Terminada a apresentação da análise, articulamos algumas considerações conclusivas sobre o que investigamos.

A nossa pesquisa mostrou que se escreve pouco sobre crianças nos jornais analisados. Em Moçambique as crianças constituem a maioria da população nacional. Considerado o espaço que os órgãos analisados dedicam a este grupo na sua cobertura, torna-se visível que a “maioria da população” do país é a menos representada nos jornais. Diante desse facto, torna-se “injusto” o não agendamento de questões ligadas à infância nas pautas dos jornais. Mostra-se relevante que os meios de comunicação moçambicanos dediquem um espaço maior e com mais aprofundamento a assuntos ligados à infância e aos os direitos da criança.

Na maioria dos casos, os autores de artigos sobre crianças prendem-se apenas aos dados “oficiais”, fornecidos por governantes, instituições e pela polícia. Mostra-se pois relevante a realização de investigações prévias sobre o assunto pretendido. Esta investigação fará com que jornalistas conheçam de modo mais sustentado as problemáticas da infância e possam produzir novas formas de tratamento noticioso.

Em conversa com o jornalista António Cumbane, do DM, foi nos possível constatar que a cobertura de temas “bombásticas” relacionadas com crianças é tendenciosa. Na percepção daquele jornalista, não tem nenhum interesse noticiar “que está tudo bem com as crianças. É preciso apontar para os problemas que vivem as crianças”. Estas palavras levam-nos a concluir que nunca se faz agendamento da realidade quotidiana dos mais novos no jornal *DM*. Para aquele jornalista as experiências pessoais das crianças “normais” não têm peso relevante ao ponto de merecer espaço nas páginas do jornal.

Analisando as notícias sobre violência, acidentes e situações de risco envolvendo crianças, notamos que existe uma “contradição” entre a forma como estes assuntos são tratados nos jornais analisados e o envolvimento daqueles órgãos com a questão da

protecção da criança. Ou seja, percebemos que os jornais noticiavam simplesmente por existir o facto noticioso mas sem nenhum objectivo de envolver-se no combate daqueles males e na construção de uma sociedade digna e justa, tal como preconizam as linhas editoriais do *JN* e *DM*. Mais do que a busca por soluções, o que se encontra na cobertura desses temas foram principalmente denúncias pontuais e descontextualizadas. Esse dado, que diz respeito não só às matérias sobre violência e acidentes, mostra como a infância ainda não é uma pauta prioritária nos órgãos de informação estudados.

A maioria das notícias sobre crianças que tiveram chamadas de capa no período analisado está relacionada com raptos, violência, falta de acesso a educação, mostrando a criança como vítima. Todo este destaque, contudo, remete frequentemente a textos curtos e superficiais, que muitas vezes usam notas policiais e governamentais como únicas fontes discursivas. Nota-se pois uma certa desvalorização da temática referente às crianças. Tal desvalorização estará relacionada não só com a qualidade dos textos, mas também com a capacitação (ou falta dela) dos profissionais e com as condições de trabalho dos repórteres. Jornadas de trabalho excessivamente longas e sobrecarregadas e pouco tempo para aperfeiçoamento são factores que possivelmente contribuem para que a infância continue “alojada” na secção generalista “Sociedade e Política”, para o *DM* e “Sociedade” para o *JN*.

A prática da valorização da criança como vítima é bastante recorrente na cobertura da infância em ambos os jornais. Seja em fotografias sobre catástrofes naturais ou em notícias sobre acidentes e assassinatos, as crianças ainda constituem “as melhores vítimas” para as matérias, facto também notado por Cristina Ponte em seu estudo sobre jornais portugueses (2005). Essa vitimização da infância pode ser relacionada com a permanência em alguns textos do modelo da criança romântica, em que ela é vista como um ser frágil e vulnerável, que deve ser protegido para manter características que a aproximam de um “ideal infantil” onde predominam a inocência e a pureza.

Em conversas que tivemos com o jornalista António Cumbane, do *DM*, assim como o Director Editorial do mesmo jornal, Artur Ricardo, foi possível perceber que a infância não é tema que merece uma pauta prévia. Sempre que se escreve sobre crianças no jornal *DM*, é quando a ocasião o permite, isto é, quando há uma denúncia ou um comunicado sobre alguma situação negativa.

Este trabalho mostra que os profissionais de informação devem considerar as crianças como agentes e protagonistas de acções reportáveis e como tal, devem constituir

fontes de informação. O artigo 12º da CDC só pode ser posto em prática quando as crianças forem oferecidas oportunidade de dizer o que pensam e sentem.

Desde que decidimos elaborar este trabalho, nossa “ambição” é que o estudo não seja apenas mais um trabalho para ocupar espaço nas prateleiras das bibliotecas. Pretendemos que produza resultados concretos tanto ao nível da realização de pesquisas mais aprofundadas sobre a representação e presença da infância nos media moçambicanos, como ao nível do agendamento de temas sobre infância nas pautas, principalmente dos jornais, mas também das rádios e televisões moçambicanos. Com este trabalho esperamos, portanto, lograr a criação de uma ideia cientificamente formulada e clara sobre a situação da infância e a necessidade de um tratamento especial na divulgação e promoção dos direitos do grupo etário mais jovem da população pelos meios de comunicação moçambicanos. Pretendemos também despertar a atenção dos editores e jornalistas dos órgãos de comunicação moçambicanos de modo a tomarem posições tendentes a considerar e promover a abordagem da infância nos seus meios de comunicação.

A pesquisa e publicação de situações em que os menores estejam em risco e em privação de seus direitos é uma atitude sensata, mas não pode constituir o único ângulo de abordagem escolhido pelos media na cobertura sobre crianças. É relevante a representação de outras categorias de crianças nos materiais mediáticos dos jornais. Isto é, embora seja importante publicar notícias sobre “criança órfã”, “criança vulnerável”, “criança pobre”, é também primordial produzir trabalhos mediáticos sobre outro lado do quotidiano da “criança cidadã”, “criança herói”, “criança celebridade” em que não apenas se apresenta como objecto mas também como sujeito actuante de suas próprias acções individuais ou em conjunto com outras crianças e adultos.

Referência

COLONNA, E. *O lugar das crianças nos estudos africanos. Reflexões a partir de uma investigação com crianças em Moçambique*. In: M. Mwewa (org.), *África e suas diásporas: olhares interdisciplinares*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2008.

DIONÍSIO, A. *Quando criança é notícia: representações sobre a infância no Diário Catarinense*. Tese de licenciatura em Jornalismo. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em www.aurora.ufsc.br.

DIONÍSIO, A. *O Imaginário Infantil e as Mídias: representações culturais em websites de entretenimento para crianças*. Relatório de Pesquisa PIBIC/CNPq/UFSC, 2005.

DIONÍSIO, A. A Pesquisa de Recepção com Crianças: Mídia, Cultura e Cotidiano. In: XI Encontro Anual da COMPÓS - Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2002, Rio de Janeiro. CD-ROM Compós 2002. Rio de Janeiro: Compós/Escola de Comunicação da UFRJ, 2002.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *A Pobreza na Infância em Moçambique: Uma Análise da Situação e das Tendências*, UNICEF Moçambique, 2006

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. *Pobreza infantil em perspectiva: Visão de conjunto do bem-estar da criança nos países ricos*. Innocenti Report Card N° 7, 2007

GRAUE, E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003

PONTE, C. *Para entender as Notícias. Linhas de análise do discurso jornalístico*. ed. 1, ISBN: 85-7474-275-9. Florianópolis: Editora Insular, 2005a

PONTE, C. *Crianças em notícia: a construção da infância pelo discurso jornalístico (1970–2000)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2005b

PUNCH, S. 'Childhoods in the Majority World: Miniature Adults or Tribal Children?' *Sociology*, 37 (2), 2003

O'BRIEN, M., ALLDRED, P. AND JONES, D. Children's Constructions of Family and Kinship, in J. Brannen and M. O'Brien (eds) *Children in Families: Research and Policy*, London: Falmer Press., 1996

SARMENTO, M. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In: SARMENTO, M.; CERISARA, A (org.). *Crianças e Miúdos: Perspectivas Sócio pedagógicas da Infância e Educação*, Porto: ASA Editores, 2004, p. 9-34.

SOUSA, J. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: ARGOS; Florianópolis: Obra Jurídica, 2002.

TOBIN, J. *“Good Guys Don’t Wear Hats”: children’s talk about the media*. Teachers College, Columbia University, 2000.

RECEBIDO EM 05 DE FEVEREIRO DE 2011.

APROVADO EM 02 DE MARÇO DE 2011.